

Entre o Samba e o Jogo do Bicho: Os Elementos que Caracterizam a Baixada como o Brasil em Senhora do Destino¹

Andreza Almeida dos SANTOS²
Universidade de São Paulo, São Paulo, SP

Resumo

Neste ensaio buscaremos analisar quatro dos principais elementos utilizados na novela *Senhora do Destino* que ajudam a situar a Baixada Fluminense dentro de um cenário nacional. Desta feita, a partir da elucidação das questões de gênero, samba, política e jogo do bicho, tentaremos demonstrar como a trama se vale desses elementos para compor a ideia de uma Baixada que mescla legalidade e ilegalidade, violência e paz; e que – redimida pela figura de uma mulher – é, no fim, exaltada como símbolo da identidade nacional.

Palavras-chave: Telenovela, Senhora do Destino, Baixada Fluminense, Brasil.

Introdução

Metáfora da nação brasileira, as telenovelas se destacam por seu imaginário nacional. Mais do que isso, seja por razões históricas, simbólicas e sociais, o Rio de Janeiro, imaginado a partir da Zona Sul, é a imagem consagrada de modernidade e desenvolvimento do Brasil, uma verdadeira vitrine do país (STOCCO, 2009). Não sem causa, portanto, a Baixada Fluminense, bem como outros locais tidos como territórios à “margem³”, não são cenários típicos nas telenovelas. Mesmo dentro da cidade do Rio⁴,

¹ Trabalho apresentado no GP Ficção Seriada, XVIII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutoranda em Ciências da Comunicação da ECA-USP, e-mail: andrezapas@usp.br.

³ No caso da Baixada Fluminense, carregando – desde meados da década de 1950 – um forte estigma da ausência, do descaso social, da pobreza e da violência, podemos dizer que a região pode ser enquadrada nos termos que Das & Poole (2008) denominam de margens.

⁴ Stocco (2009).

raras são as produções que trabalham com a imagem de subúrbio⁵, afinal, esses lugares – que muitas vezes acionam um imaginário já consolidado pela perspectiva da ausência, da pobreza ou mesmo do atraso – não necessariamente remetem à imagem que os produtores de telenovela querem construir de Brasil⁶.

Nesse sentido, compartilhando com Anderson (2009) a ideia de que – mais que inventadas – as comunidades nacionais são imaginadas⁷, na medida em que possuem uma legitimidade emocional capaz de fazer sentido para pessoas comuns, buscaremos pensar como essa imaginação da nação brasileira se dá quando temos como plano central a Baixada – tida quase como o “outro” da cidade do Rio de Janeiro, capital do estado. Para tanto, tomaremos como exemplo a novela *Senhora do Destino*, marco da representação de Baixada no horário nobre.

Veiculada em um momento em que a Baixada ganhava novos contornos nacionais, onde as relações do poder local eram reconfiguradas para além das fronteiras fluminenses (BARRETO, 2006) a partir da candidatura de Lindberg Farias para a prefeitura de Nova Iguaçu – a obra traz à cena uma Baixada que ultrapassa a esfera da violência e da pobreza, já cristalizada em uma representação hegemônica (ROCHA, 2016). Seu sucesso foi tão grande que, em 13 de março de 2017, ela passou a ser reprisada pela segunda vez no *Vale a pena ver de novo*⁸. Nas linhas que se seguem elucidaremos quatro elementos que, percebemos, foram essenciais para a construção de uma Baixada nacional: gênero, política, samba e jogo do bicho.

Gênero

Ao fazermos uma breve varredura pela internet sobre mulheres e Baixada Fluminense, um dado impressiona: a invisibilidade das mulheres em relação à região só

⁵ Sabemos que subúrbio do Rio e Baixada Fluminense não são a mesma coisa, porém, como Das & Poole (2008) apontam, as margens não são homogêneas, e sim marcadas por seu caráter indeterminado. Nesse sentido, consideramos que, de alguma forma e, ainda que em suas diferenças e especificidades, Baixada Fluminense, subúrbios, periferias e até favelas são lugares que, ainda que apenas por uma perspectiva da imaginação, podem ser considerados margens do Estado.

⁶ Esse Brasil onde a modernidade e a liberação dos costumes é o foco, principalmente se tomarmos em conta as novelas das nove, em que o apelo para um enfoque “realista” é levado mais a sério (STOCCO, 2009).

⁷ No caso brasileiro, Lopes (2003) destaca que, ao ter se consolidado como um ritual compartilhado por pessoas de todo o território nacional que, diariamente e num mesmo horário, assistem o desenrolar de seus episódios, a telenovela torna adequado o usos da noção de comunidade nacional imaginada.

⁸ A obra estréia pela primeira vez em 28 de junho de 2004.

se desfaz nas estatísticas de violência. Em questões de segundo, inúmeras matérias e perfis denunciam crimes cometidos contra mulheres em municípios da Baixada. Segundo o Dossiê Mulher 2018⁹, Duque de Caxias, palco¹⁰ da novela, é a cidade que apresentam a maior taxa de violência sexual contra mulheres¹¹ e também o maior índice de lesão corporal¹². Na Baixada de Aguinaldo, contudo, a história é outra. Apesar de retratar o tema da violência doméstica, a partir da personagem Rita¹³, este, definitivamente, não é o foco da trama.

Tendo a figura de Maria do Carmo como símbolo do lugar onde vive, pensar a Baixada Fluminense em *Senhora do Destino* é, de certa forma, pensar em um recorte marcado de gênero. Assim, a já masculinizada Baixada Fluminense – muito estigmatizada em cima da figura de Tenório Cavalcanti¹⁴ (ENNE, 2004) e do *status* de violência dos coronéis, do cangaço, de jagunços, posseiros e grileiros que marcam a história local desde o século XIX (BARRETO, 2006) – abre espaço para as mulheres. E se é a Baixada a grande personagem da trama, Maria do Carmo é, sem dúvida, a personificação dessa Baixada: mulher, nordestina, retirante pobre que venceu na vida e agora acolhe todos os que precisam de sua ajuda. Tal como a Baixada é para os nordestinos, é Maria do Carmo para os pobres da Vila São Miguel.

Apesar de ser seu filho Reginaldo o aspirante a novo mito da Baixada, é Maria do Carmo¹⁵ quem o consegue. Substituindo a figura de Tenório Cavalcanti, que era quem mandava em Caxias quando ela chegou ao local, é a vez de Maria do Carmo fazer sua história na região. É ela quem redime e dá cor a uma região antes estigmatizada pela violência e ausências. Dessa forma, se a Baixada de Tenório não passava de um fim de

⁹ Organizado pela Secretaria de Segurança Pública do estado do Rio de Janeiro, o Dossiê Mulher é um estudo anual que, desde 2005, produz dados sobre o tema da violência contra a mulher.

¹⁰ Até boa parte da trama, a fictícia Vila São Miguel é distrito de Duque de Caxias.

¹¹ O município conta com 273 casos de estupro e 31 tentativas de estupro a cada 10.000 mulheres.

¹² São 2162 casos a cada 10.000 mulheres.

¹³ No meio da novela em diante, Rita deixa de ser submissa e se transforma em uma mulher independente que consegue deixar de ser diarista e passa a ser uma requisitada cabeleireira do único salão da cidade.

¹⁴ Polêmico líder político que manteve um sistema clientelista apoiado na violência como estratégia de conquista e manutenção do poder econômico e político. Conferiu à Baixada o título de “faroeste fluminense”.

¹⁵ Apesar de Giovanni também ter grande influência sobre a Baixada, sua relação com Vila São Miguel é outra. Ao contrário de Maria do Carmo que é uma figura com apelo popular e reconhecimento de fundadora do local, Giovanni – que chegou à área quando ela já estava estabelecida – é conhecido por todos em função de sua política de gestão da violência.

mundo onde corpos eram desovados, um ermo sem eira nem beira no meio do nada, Maria do Carmo catalisa o símbolo desenvolvimento econômico e da ordem ao local.

Forte e decidida, ajudou na construção de sua cidade e de cada cantinho de sua casa¹⁶. Seu individualismo religioso, fortemente marcado por uma exaltação da devoção como uma característica pessoal foi o que lhe deu forças para enfrentar a vida, criar seus filhos e continuar procurando Lindalva até a encontrar. Tendo colocado a imagem de Nossa Senhora do alicerce de sua casa, sua religiosidade torna-se fundamental para a construção de uma ética capitalista capaz de dar um sentido pessoal à vida, à luta e ao sofrimento das pessoas (WEBER, 2007) que, pela fé, constroem uma nova Baixada e uma nova vida.

Com o discurso de que ser mulher é uma coisa extraordinária, Maria do Carmo sustenta um ideal feminino tão ou mais capaz do que um homem. Um ideal de alguém que vai à luta e não fica esperando, como ela sempre destaca, “essas esmolas que o governo dá”, já que isso humilha a pessoa pobre. Nesse sentido, diferente de um ideal feminino da classe média – já consolidado na televisão a partir dos anos 80 e 90 – onde o trabalho é visto como realização pessoal¹⁷; Maria do Carmo exalta um ideal feminino das classes mais populares, onde o trabalho¹⁸ é a condição da mudança, e não escolha¹⁹.

Abandonada pelo marido quando já tinha quatro filhos e esperava uma menina, a personagem é, ainda, símbolo de autonomia e liberdade sexual: não dependeu de homem para criar seus filhos e construir uma nova vida, tão pouco acredita que é o casamento o sentido de uma vida feliz. Vivendo com Dirceu uma sexualidade não oficializada no civil ou no religioso, é ela quem toda vez recusa os pedidos de casamento do amado que, por mais de vinte anos tenta “oficializar” a relação.

Tal como uma típica heroína melodramática moderna (ALMEIDA, 2007), Maria do Carmo carrega um ideal de mulher urbana e independente: uma mulher batalhadora

¹⁶ O modelo da autoconstrução é algo comumente adotado por grande parte dos moradores da região, que contam com uma rede de solidariedade composta por laços de parentesco e também de vizinhança (BARRETO, 2006).

¹⁷ Para mais detalhes sobre como gênero e sexualidade foram tratados na TV dos anos 1970 a 1990, ver Almeida (2012).

¹⁸ Como observou Barreto (2006), o trabalho é um valor social muito acionado nos processos de identificação local. Aparecendo como solução para os problemas, ele ocupa um lugar de destaque na fala de muitos moradores da Baixada.

¹⁹ Com forte ênfase em uma dimensão individualista e empreendedora – onde o sucesso é fruto do esforço individual, e não de políticas coletivistas do governo – a trama dialoga com um pensamento liberal que reforça valores como o direito natural da propriedade da herança, a família e a liberdade individual, e que encontra na questão moral e religiosa um forte alicerce. Sobre o tema, ver Locke (1978), Rousseau (1983) e Weber (2007).

que trabalha fora, tem uma vida sexual associada ao amor, é uma mãe dedicada e, ainda por cima, linda, bem cuidada, maquiada, bem vestida e que consegue conjugar cuidados socialmente “femininos”, como o cuidado com o lar, com os filhos e consigo mesmo, juntamente com sua vida de empresária. Na trama, todos os conflitos pessoais da protagonista se diluem no trabalho, onde as oportunidades são iguais para todos²⁰.

Ela, sem dúvida, é o verdadeiro símbolo de feminilidade exaltado na trama: forte, decidida, trabalhadora, bem sucedida e amiga de todos, mesmo que dos mais humildes. O verdadeiro sustentáculo de sua casa e dos que a cercam, seja em sua loja ou na comunidade. Sendo o centro do núcleo que representa, não depende de homem para viver ou ser feliz, mas, ao contrário, faz com que os homens – seus filhos, Dirceu, Giovanni – dependam dela²¹.

Nesse sentido, representando os valores e ideais das classes mais populares – que, no vigor do lulismo²², acabam tendo acesso a bens de consumo antes restritos a outros grupos sociais – é Maria do Carmo o grande exemplo de vitória. Aquela que tira a invisibilidade das mulheres da Baixada com sua força e sua garra, e que não deixa de ser um elogio mais amplo a todos os moradores da Baixada, e de outros lugares menos favorecidos, que agora passam a se ver representados como símbolos de brasilidade em rede nacional.

Desta feita, compartilhando com Almeida (2012) o pressuposto de que mídia é uma poderosa ferramenta na construção de sentidos simbólicos, arrisco dizer que Aguinaldo se propõe a discutir um tipo de feminismo mais voltado para a realidade das mulheres da classe C, tendo em vista as modulações socioeconômicas em curso no país que ele visa captar e expressar na novela. Para tanto, o autor traz à pauta temas já iniciados na teledramaturgia em meados de 1970 – como autonomia feminina, violência contra mulher, gravidez na adolescência – juntamente com a conscientização do uso da camisinha, da importância da pílula.

²⁰ Argumento que é base do liberalismo, embora não seja uma concepção dominante em todas as correntes políticas que discutem a desigualdade social.

²¹ Na trama, é Dirceu o ponto frágil da relação. É ele quem quer se casar com ela; é ele quem vive sua vida em função de sua amada; que se dispõe a fazer de tudo o possível para vê-la feliz, sem cobranças. É ele, inclusive, que desiste da melhor proposta de emprego de sua vida (dirigir a sucursal de um jornal grande em Brasília) para poder ficar perto da amada.

²² Mais informações em GÓES, 2017. *Revista Outubro*, n.28, abril de 2017, pp. 215-223.

Por fim, é válido termos em mente que, representada principalmente na figura de Do Carmo, mas não se resumindo a ela, a Baixada feminina de Aguinaldo é um lugar acolhedor e alegre, onde são as mulheres as figuras que mais se destacam: Crecilda, melhor funcionária da loja de Do Carmo, é puxadora de samba da Unidos de Vila São Miguel e, no final da trama, consegue gravar seu primeiro disco solo; Leide Daiane, jovem humilde da Comunidade da Pedra que engravidou aos 15 anos e, em seguida, sofreu um aborto espontâneo, acabará se tornando, dezoito anos mais tarde, a primeira brasileira a ganhar o Prêmio Nobel da Paz, depois de se engajar com a paternidade responsável; Bianca, filha de Reginaldo, engatará na carreira política e, sete anos depois, será eleita a prefeita mais jovem do país. Assim, pode-se dizer que, pelo gênero, a Baixada se transforma num lugar que é destaque para o Brasil, o que lhe acaba conferindo um legítimo *status* nacional.

Política

Se, por um lado, a questão do gênero é usada para valorizar a Baixada; o tratamento dado à política é, por outro lado, uma maneira de situar a região dentro de um problema maior vivenciado em todo o país: a corrupção. Representada, por um lado, pelo vereador, e depois prefeito, Reginaldo e, por outro, pelo deputado federal da Zona Sul, Thomas Jefferson, a Baixada apresentada na trama é um lugar que sofre com o mal da politicagem suja e irresponsável de políticos que não querem senão o benefício próprio. Nesse sentido, situados, os dois, em um período²³ em que a Baixada convivia com diferentes perfis políticos, ambos acabam sendo unidos pelo fato de encontrarem na Baixada Fluminense o *locus* privilegiado para seus projetos políticos (BARRETO, 2006).

Do lado da Baixada está Reginaldo Ferreira Silva, filho mais velho de Maria do Carmo. Aliado ao partido de direita POP – Partido da Organização Popular – Reginaldo usa da esperança que as pessoas depositam nele como um meio de para tirar vantagens pessoais. Apoiado no momento que conferia à Baixada o *status* de um importante território político-eleitoral, já que a década de 1990 é marcada pela emergência²⁴ de

²³ Visto que a segunda parte da trama se passa em meados da década de 1990, época em que a Baixada é marcada pela construção de novos olhares (ENNE, 2004; BARRETO, 2006; ROCHA, 2014).

²⁴ Em 1992, por exemplo, Joca – ex-baleiro, carroceiro, pedreiro e com fama de “matador” – se elege primeiro prefeito de Belford Roxo, até então distrito de Nova Iguaçu, com mais de 80% dos votos válidos. Mais informações em Barreto (2006).

novos municípios na região, que passa a agregar a maior parte da população do estado do Rio de Janeiro (ROCHA, 2014), seu grande sonho é se tornar um político influente a nível nacional a partir de um forte apelo à Baixada Fluminense. Para isso, ele conta com o apoio de Giovanni Improtta, figura de peso na região, que apóia sua candidatura em troca de contratos sem licitação.

Candidato a posto de dono da Baixada em meados de 1993 – mesmo ano em que Zito²⁵ começa a se tornar um homem público com maiores contornos em Duque de Caxias, ocupando o cargo de Presidente da Câmara Municipal (BARRETO, 2006) – o personagem de Reginaldo parece se situar dentro de um contexto em que figuras populares, como Joca e Zito, estavam se estabelecendo como novos perfis políticos que marcam um novo período político na região, onde a oligarquia rural abre espaço para o *selfmademan* (BARRETO, 2006).

Com a ajuda de Vivianne Fontes²⁶ – sua ex-amante e assessora parlamentar, a quem ele promove como a “Evita Péron” da Baixada – Reginaldo torna-se um homem cada dia mais ambicioso e sem limites, chegando ao ponto de considerar sua própria mãe como sua pior inimiga, a quem ele deve liquidar. Ao final da trama, ele acaba sendo morto por Merival, seu cabo eleitoral mais assíduo, após vir à tona todas as suas falcatruas.

Termina, então, a prematura carreira de um político da Baixada Fluminense que – assim como Joca e tantos outros políticos locais – é morto no auge de sua atuação. Já com dois assassinatos²⁷ em seu histórico, e com denúncias de esquemas de corrupção, Reginaldo parece representar um tipo político local – um intermediário entre Joca e Zito²⁸ – que geralmente acaba entrando nas estatísticas de mortos políticos. Afinal, sempre envolta de histórias de crimes e violência política, a Baixada Fluminense é uma

²⁵ Também migrante nordestino que faz política na Baixada Fluminense. Para mais informações sobre sua trajetória política também procurar por Barreto (2006).

²⁶ Aqui é válido termos como paralelo a figura de Zito, que também encontrou em sua esposa Narriman Felicidade – formada em engenharia e com pós-graduação pela Fundação Osvaldo Cruz – uma aliada política que lhe ajudou a ascender politicamente (BARRETO, 2006). Na obra, Vivianne é formada em Sociologia e tem doutorado em Ciência Política. Para Reginaldo, é ela a grande responsável pela guinada em sua carreira política.

²⁷ Na trama, Reginaldo matou Cigano e Seboso, os dois responsáveis pelo falso sequestro que Reginaldo armou contra seu próprio filho.

²⁸ Tal como Zito, Reginaldo é um líder com forte apelo popular que, vindo do Nordeste, encontra em uma mulher mais estudada um meio de ascender politicamente. Ao final, contudo, tal como Joca, acaba morto precocemente quando estava no auge de sua carreira.

região fortemente marcada pela violência associada às práticas políticas e crimes encomendados (BARRETO, 2006).

Já no que se refere ao lado da Zona Sul, Thomas Jefferson é um jovem deputado federal, assumidamente populista, aliado ao POR – Partido da Ordem Radical, que usa de seu prestígio para conseguir benefícios ao seu favor. Ambicioso, encontra na Baixada o lugar perfeito para dar uma guinada em sua carreira política e, de quebra, destacar ainda mais seu apelo popular-radical. Para tanto, ele decide se candidatar a prefeito de algum município da Baixada, apenas mudando seu município eleitoral.

Na tentativa, então, de conhecer o território, para ele totalmente desconhecido, o deputado começa a frequentar a Baixada Fluminense e ser figura marcada na quadra da escola de samba Unidos de Vila São Miguel. Depois que engata um relacionamento com Nalva, contudo, Thomas desiste de seguir carreira na Baixada e – com ciúmes de dividir Nalva com a escola de samba – acaba se casando com ela e a levando para morar em Brasília, onde estabelece sua carreira política.

Dois políticos. Dois destinos muito diferentes. Do lado da Baixada, a figura de Reginaldo, um político local que acaba morto e parece remeter ao estigma da violência como elemento da vida política da Baixada (BARRETO, 2006). Do outro, a figura de Thomas Jefferson²⁹ – um lindo e jovem deputado federal que faz parte de um partido de extrema esquerda e possui fama de radical e mulherengo. Um morador da Zona Sul que quer se tornar prefeito de Duque de Caxias mudando seu distrito eleitoral e que, por isso, passa a frequentar a Baixada e, mais especificamente, a escola de samba, como meio de se inserir no local – que termina a história feliz, casado e morando em Brasília.

Em última instância, trabalhando com a ideia de que a corrupção é um mal generalizado em todo o país – o que fica subentendido na fala de alguns personagens, inclusive na de Do Carmo – Aguinaldo traz para a cena a figura de dois tipos políticos que, igualmente, encontram na Baixada em ascensão um meio de se promoverem politicamente e viverem à custa do governo. Abordando o tema da política no vigor de 2004, quando Nova Iguaçu transforma-se no palco de uma das eleições mais noticiadas

²⁹ Que, diga-se de passagem, lembra muito a figura de Lindberg Farias: Líder do movimento dos “cara-pintada”, que foi eleito o deputado federal mais votado de seu partido em 1994 (ano mais ou menos em que o enredo da novela se passa); que também tem fama de radical e mulherengo; e que, em 2004 (ano em que a trama foi exibida), concorre e vence as eleições para a Prefeitura de Nova Iguaçu, onde passa a residir e frequentar escolas de samba, restaurantes e bares como meio de reforçar sua inserção no local. Mais informações em Barreto (2006).

do ano³⁰ (BARRETO, 2006) Aguinaldo parece ter pego carona nesse momento em que todos os holofotes se voltavam para a Baixada para, mais uma vez, reafirmar sua Baixada nacional.

Samba

O ronco da cuíca e a bateria sempre impecável de Mestre Guina não deixam mentir: em Vila São Miguel, carnaval é uma brincadeira muito séria. Ligado à figura de Giovanni Improtta e seu filho, João Emanuel, o samba aparece desde o início da novela muito bem representado pelo Grêmio Recreativo Escola de Samba Unidos da Vila São Miguel, uma pequena escola que não perde as esperanças de alcançar o grupo de acesso do carnaval carioca. Uma vez, portanto, que é a preparação do carnaval e os ensaios na quadra um dos temas mais enfatizados na trama, pode-se dizer que o samba é um importante elemento³¹ que inverte a relação centro-periferia e dá o tom de brasilidade à Baixada.

Ritmo musical originado no Rio de Janeiro – com influências da Bahia – que tornou-se um verdadeiro ícone da cultura nacional ao ser apropriado pelo Estado Novo, com sua postura nacionalista e centralizadora (OLIVEN 1984, STOCCO, 2008), o samba foi o elemento da trama que ajudou a caracterizar a Baixada para além do estigma de violência ou ausências. Sempre rodeada de pessoas alegres e com diferentes perfis, a quadra da escola de Unidos da Vila São Miguel é um mix de samba no pé, corpos sarados, mulatas faceiras, catolicismo popular e, claro, uma pitada de malandragem.

Dirigida e patrocinada pela figura de um ex-bicheiro³² que salvou a escola da falência, e também por seu filho, um típico malandro³³ que exalta a malandragem como estilo de vida³⁴, a escola de cor laranja e branco é uma mescla de vários dos elementos que compõem um imaginário tipicamente brasileiro e que a enquadram dentro de uma

³⁰ Representada, principalmente, pelos candidatos Mário Marques e Lindberg Farias (ROCHA, 2006).

³¹ Juntamente com a ética do trabalho, o samba vai colocar a Baixada em relação ao Rio de Janeiro, cidade que, por razões históricas, aciona uma identidade nacional (STOCCO, 2008).

³² Que acaba representando a íntima relação estabelecida entre a “cúpula do jogo do bicho” com a Liga das Escolas de Samba a partir do início dos anos 1980 (MISSE, 2007).

³³ João Manoel é um cara que sempre usa calça branca, blusa aberta e colar de ouro.

³⁴ Para o rapaz, a vida se resume a mulher e escola de samba.

perspectiva nacional. Com um forte apelo popular, seus integrantes são pessoas simples e batalhadoras que passam o ano inteiro na labuta para conseguirem fazer bonito na Sapucaí e mostrarem o valor do povo brasileiro. Um povo sofrido e guerreiro que não descansa e dá todo o seu sangue para ser reconhecido em seus valores, mas que também conta com a ajudinha de Deus e a intercessão de São Jorge para alcançarem a vitória.

À frente da escola está o carnavalesco Ubiracy. Sempre na correria, é ele quem cria o enredo, desenha fantasias, coloca em ordem alas, alegorias, adereços, além de gerir passistas, mestre-sala, porta-bandeira, baianas, bateria, ritmistas, puxador do samba e diretor de harmonia. Com a atenção voltada aos mínimos detalhes, aparece sempre dando bronca nas pessoas e exigindo delas o melhor: nada de bordado mal feito ou cola aparecendo nos adereços, afinal, os detalhes é que fazem a diferença. Seu jeito espalhafatado de “bicha escrachadinha” (FRANÇA, 2012) lhe confere um tom popular que parece remeter à diversidade e à alegria do povo brasileiro. Não por acaso ele – loiro, gay e dos olhos azuis – tem um nome tupi-guarani e o discurso de que todo brasileiro deveria ter nome típico³⁵.

Tomando, pois, o samba como símbolo da unidade nacional – um verdadeiro agregador das diferenças – Aguinaldo faz o uso do imaginário que ele aciona para situar a Baixada Fluminense dentro desse contexto nacional já fortemente marcado pela cidade do Rio de Janeiro (STOCCO, 2008). Assim sendo, ao substituir a feijoada – já consolidada como um símbolo da nossa nacionalidade (OLIVEN, 1982) – pela buchada de bode, o autor alarga a referência de país ao trazer um prato tipicamente nordestino – que, em última instância, representaria a marca da migração nordestina para a Baixada – para dentro de uma prática já consolidada no mundo do samba: o tradicional almoço na quadra das escolas.

Nesse caminho, o discurso que Giovanni faz para os integrantes da comunidade na noite de Ano Novo demonstra como é forte na trama esse paralelo Nordeste-Baixada-Brasil. Destacando que o enredo *Senhora do Destino: a saga de uma migrante nordestina* não tem nada a ver com o sonho do Imperador da França ou a grande viagem maravilhosa ao reino de Salomão de Sabá, porque isso é coisa de gringo, Giovanni enfatiza a brasilidade do tema que, segundo ele, vai contar no gogó, no pé e na raça o valor da Baixada Fluminense, do povo nordestino e do povo brasileiro.

³⁵ Só em sua família são ele e mais três: Ubiratã, Ubirajara e Jaçanã.

Símbolo desse poder integrador do samba foi o dia do desfile das escolas de samba, único e grande momento em que todos os núcleos da trama pararam para desfilar ou assistir ao evento que interseccionou as diferentes camadas sociais da novela dentro de um único sentimento nacional. Seja de camarote VIP, assistindo sozinho em casa, com o marido, com a família e amigos, ou até saindo nos blocos de rua, o carnaval tomou conta de todos os personagens e desafiou as fronteiras entre realidade e ficção.

A partir de uma mescla de imagens reais da Grande Rio³⁶ na Avenida – onde os atores caracterizados de seus personagens compunham uma ala própria – com cenas montadas para a novela, o momento do desfile apresentado na obra contou com efeitos especiais anunciando a Unidos de Vila São Miguel entrando na Sapucaí e a participação de Luciano Huck como repórter responsável por situar cada escola na Avenida.

Com uma comissão de frente composta por Isabel (Lindalva) segurando um neném de colo e cercada de quatro crianças, representando a jovem retirante Maria do Carmo com seus cinco filhos no dia em que chegou ao Rio de Janeiro, a cena do esperado desfile da Unidos de Vila São Miguel na Marquês de Sapucaí coroou a lógica da inversão onde a Baixada vira centro, ao ressaltar a imagem da Baixada Fluminense como símbolo de uma identidade nacional, o que é reforçado no samba-enredo criado para a trama.

Exaltada como o lugar onde os nordestinos – representados pela figura da protagonista – são acolhidos e onde, pelo trabalho, constroem sua vida e sua história, a Baixada é, enfim, colocada em sintonia com um imaginário de povo brasileiro que não se deixa abater pelos infortúnios, não desiste nunca e está sempre correndo atrás dos seus sonhos. Dessa forma, unindo centro e periferia, ricos e pobres, asfalto e favela, Baixada e Brasil, realidade e ficção, pode-se dizer que o samba foi, sem dúvida, um importante elemento trabalhado por Aguinaldo para construção de sua Baixada nacional.

³⁶ Em parceria com a Globo – e sob o patrocínio da Nestlé – a Acadêmicos da Grande Rio trouxe, em 2005, o enredo “Alimentar o corpo e a alma faz bem”, do carnavalesco Roberto Szanieck. Com o samba enredo dos compositores Barberinho, Competência, Marcelo, Bitar, Levi Dutra, Licinho, Mingal, Deré, Ciro e Lecoleco, a escola ficou em terceiro lugar; o que foi também adaptado por Aguinaldo na trama, onde a Unidos de Vila São Miguel também ocupou o terceiro lugar.

Jogo do bicho e ilegalismos

Por fim, o jogo do bicho é aquele elemento que dá o tom à Baixada e a coroa como que uma cereja no bolo. Marcado principalmente pelo personagem Giovanni Improta (José Wilker), ex-bicheiro que se torna empresário legalizado e bem sucedido da Baixada Fluminense, o tema do jogo do bicho percorre, ainda que de uma forma bem sutil, todos os capítulos da novela. A partir de um personagem atrapalhado – com um português recheado de neologismos, vícios de linguagem, marcadamente exuberante em seu jeito de vestir³⁷ – a novela joga com a figura de um homem aparentemente inofensivo, mas que, por outro lado, seja talvez o mais sóbrio da trama.

Com um passado que inclui assassinatos e desovas de corpos de inimigos no Rio da Guarda, seu personagem camufla a realidade de uma Baixada que – na ausência de um poder público atuante – centraliza seu poder na mão de poderosos locais, entre os quais estão os empresários (BARRETO, 2006), que passam a cumprir a gestão da violência (TELLES, 2012). Nesse sentido, mesclando elementos que – ora revelam uma Baixada da alegria e do samba, da ética do trabalho e da solidariedade, e ora apontam para a imaginação de um estigma voltado à violência velada e sem nome (BARRETO, 2006) – Aguinaldo parece situar a Baixada dentro de uma imagem híbrida da legalidade e da ilegalidade.

Assim, a partir do personagem Giovanni, ex-chefe do jogo do bicho ligado ao carnaval, que também é empresário financiador da política local e responsável pela gestão da violência e da ordem, Aguinaldo nos apresenta uma Baixada Fluminense que se perde nas porosas dobras do legal e do ilegal (TELLES, 2009). Seu novo modo de vida, agora ligado ao samba, revela a faceta de uma Baixada onde a associação entre política local, jogo do bicho e escolas de samba é prática já estabelecida, que encontra no município de Nilópolis e na família Abraão David³⁸ um dos exemplos mais significativos (CAVALCANTI, 1993 *apud* BARRETO, 2006; ALVES, 2003).

³⁷ Sempre de terno colorido e ornamentado com gravata borboleta, que é sua marca. Vira e mexe ele faz mix de estampas.

³⁸ Segundo Cavalcanti (1993 *apud* BARRETO, 2006), as famílias David e Abraão David entraram para a política no período da ditadura, e logo estabeleceram relações com interventores federais. Inicia-se, assim, segundo a autora, a união entre contravenção e política que acaba por marcar a imagem de Nilópolis, nessa época já emancipada de Nova Iguaçu. Mais informações em Cavalcanti (1993).

Nesse sentido, apresentada de modo positivo como a forma mais eficiente de gestão, pode-se dizer que os ilegalismos são os elementos que coroam a Baixada como o local onde realmente as coisas funcionam.

Considerações finais

Diferente de suas novelas anteriores, em *Senhora do Destino*, Aguinaldo troca o realismo fantástico por uma trama realista (SOUSA JUNIOR, 2006). Dizendo-se cansado de escrever fantasia, e ver mulher voando, o autor se propõe a renovar seu estilo e desafiar a si mesmo ao trazer à tona uma obra que refletisse a realidade. Desse modo, sob a promessa de apresentar um trabalho que fosse uma antítese de *Celebridade*³⁹ – cuja temática girava em torno das páginas de revista de badalação e do mundo da mídia, sendo o enfoque o sucesso a qualquer custo, ainda que fugaz – o autor se propõe a escrever uma novela que representasse o povo brasileiro (SOUSA JUNIOR, 2006).

Especialista em temas de figuras populares, locações no Nordeste e Baixada Fluminense, Aguinaldo Silva nos apresenta uma Baixada dos brasileiros. Nesse sentido, revelando certa intencionalidade autoral e um investimento simbólico midiático (DRUMOND, 2014) que, agora, se volta para a ascensão de uma nova classe social, *Senhora do Destino* abre “espaço” para uma “nova classe”, que também passa a se ver “representada” na televisão.

Atento às modulações socioeconômicas vivenciadas no Brasil, Aguinaldo traz à cena uma Baixada híbrida, que mescla elementos que ora a qualificam como o lugar do samba e do trabalho, e ora a encaminham para as porosas dobras do legal e do ilegal – onde a política, o carnaval e o jogo do bicho acabam se encontrando. Assim, agregando elementos que vão da legalidade à ilegalidade, da violência à paz e da representação hegemônica ao imaginário ideal (ROCHA, 2014), a Baixada – redimida pela figura de uma mulher – é, no fim, exaltada como símbolo legítimo de brasilidade.

³⁹ Novela que antecedeu *Senhora do Destino*.

Referências

- ALMEIDA, Heloisa Buarque de. Consumidoras e heroínas: gênero na telenovela. **Estudos Feministas**, Vol.15, n.1, Jan/Abr de 2007, pp.177-192.
- ALMEIDA, Heloisa Buarque de. Trocando em miúdos: Gênero e sexualidade na TV a partir de *Malu Mulher*. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, Vol.27, n.79, Jun. de 2012, pp.125-137.
- ALVES, José Cláudio Souza. **Dos Barões ao extermínio**: Uma história da violência na Baixada Fluminense. Duque de Caxias, RJ: APPH, CLIO, 2003.
- ANDERSON, Benedict. **Comunidades Imaginadas**: Reflexões sobre a origem e difusão do nacionalismo. Tradução Denise Bottman. São Paulo: Schwarcz Ltda, 2009 [1983].
- BARRETO, Alessandra Siqueiro. **Cartografia política**: As faces e fases da política na Baixada Fluminense. 392f. Tese (Doutorado em Antropologia Social). Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFRJ. Rio de Janeiro, 2006.
- DAS, Veena; POOLE, Deborah. El Estado y sus márgenes. Etnografias comparadas. **Cuadernos de Antropología Social**, nº 27, pp. 19–52, 2008.
- DRUMOND, Rafael. A divina paródia da “nova classe média”: notas sobre a teleconstrução do subúrbio na novela Avenida Brasil. **Mediação**, Belo Horizonte, Vol.16, nº19, jul/dez 2014, pp.159-174.
- ENNE, Ana Lúcia. Imprensa e Baixada Fluminense: múltiplas representações, **Ciberlegenda**. nº14, 2004, pp.1-26. Disponível em www.ciberlegenda.uff.br/index.php/revista/article/download/222/118. Acesso em 16/03/2016.
- FRANÇA, Isadora. **Consumindo lugares, consumindo nos lugares**: homossexualidade, consumo e subjetividades na cidade de São Paulo. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2012.
- GÓES, Camila. Resenha “As contradições do lulismo: a que ponto chegamos?”, **Revista Outubro**, n.28, abril de 2017, pp.215-223. Disponível em: http://outubrorevista.com.br/wp-content/uploads/2017/04/14_Singer-e-Loureiro_res_2017.pdf. Acesso em: 15/05/2017.
- LOCKE, J. **Segundo Tratado sobre o Governo**. São Paulo: Abril, 1978. (Coleção “Os Pensadores”).
- LOPES, Maria Immacolata Vassalo de. A telenovela brasileira: uma narrativa sobre a nação. **Revista Comunicação & Educação**, 25. São Paulo, jan/abr 2003. . Disponível em <http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/comeduc/article/view/4195/3934>. Acesso em 14/03/2016.
- MISSE, Michel. Mercados ilegais, redes de proteção e organização local do crime no Rio de Janeiro. **Estudos Avançados**. Vol.21, n.61, 2007, pp.139-157. Disponível em http://www.scielo.br/pdf/ea/v21n61/en_a10v2161.pdf. Acesso em: 22/03/2017.

OLIVEN, Ruben George. As metamorfoses da cultura brasileira. In: **Violência e Cultura no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1982, Cap. IV, pp.64-79.

OLIVEN, Ruben George. A malandragem na música popular brasileira. **Latin American Music Review**, Vol.5, n.1, 1984, pp.66-96.

ROCHA, André Santos da. **As representações ideais de um território**: dinâmica econômica e política, agentes e a produção de sentidos na apropriação territorial da Baixada Fluminense pós 1990. 242f. Tese (Doutorado em Geografia). Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFRJ. Rio de Janeiro, 2014.

ROUSSEAU, J. J. **Do Contrato Social**. São Paulo: Abril, 1983.

SOUSA JUNIOR, Walter de. Apropriações melodramáticas: O caso Pedrinho no Jornal Nacional e em Senhora do Destino. **Comunicação & Educação**, Vol.11, n. 2, ano 11, mai/ago 2006, pp. 197-206.

STOCCO, Daniela. “Paraíso Tropical”: interpretações de um país por meio de uma novela e uma cidade. **Cenários da Comunicação**, São Paulo, Vol.7, n.2, 2008, pp.185-193.

STOCCO, Daniela. A presença do Rio de Janeiro nas “novelas das oito” de 1982 a 2008. **Baleia na Rede**, Vol.1, n.6, ano 6, Dez/2009, pp.204-220. Disponível em <http://www.bjis.unesp.br/ojs-2.4.5/index.php/baleianarede/article/view/1451/1276>. Acesso em 14/03/2016.

TELLES, Vera da Silva. Ilegalismos urbanos e cidade. **Novos Estudos**, Vol.84, Jul. de 2009, pp.153-173.

TELLES, Vera da Silva. Jogos de poder nas dobras do legal e do ilegal: anotações de um percurso de pesquisa. In: **Ilegalismos, cidade e política**. Belo Horizonte: Fino Traço, pp.27-56, 2012.

WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo: Schwarcz, 2007.